

COMUNICÂÊ

Novembro 2025

1ª Edição



COM.
SOCIAL

Curso de
Comunicação
Social
Universo:
Publicidade
Jornalismo



7

PERFIL

Entrevista com o Diretor da unidade

14

INOVAÇÃO E TECNOLOGIA

Utilização da IA na medicina atual

9

EDUCAÇÃO

iniciativas sociais para garantir que o sonho da universidade

16

ENTRETENIMENTO

Reinvenção do formato tradicional das novelas

11

SAÚDE

Entenda mais sobre o TEA (Transtorno do Espectro Autista)

17

RESENHA

Saiba mais sobre o filme “O Rôbo Selvagem”

13

MUNDO

Investimento na capacitação de professores

18

MODA

Backstage do Festival “Trançar é Esperançar”

20

ESPORTE

Pan-americano Jr como porta de entrada para eventos maiores

COMUNICAÊ

EDITOR-CHEFE

Brenno Souza e Isabela Lima

ASSISTENTE DE EDIÇÃO

Brenno Souza e Isabela Lima

DIRETORA DE CONTEÚDO

Ana Paula da Silva

EDITOR DE SEÇÃO

Brenno Souza e Isabela Lima

REDATORA DE EQUIPE

Ana Paula da Silva

ASSISTENTE CONTEÚDO

Ana Paula da Silva





Katia Falcão é gestora do Curso de Comunicação Social da Universidade Salgado de Oliveira UNIVERSO Niterói, professora e publicitária com sólida experiência em trademarketing.

Pós-graduada em Marketing de Varejo e mestre em História Política, atua de forma estratégica na formação de novos profissionais da comunicação.

Como multiplicadora Educamídia, dedica-se a fortalecer a educação midiática, unindo prática de mercado, pesquisa acadêmica e compromisso com uma comunicação mais crítica e responsável.

Katia Falcão

COORDENADORA DO CURSO
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

CORPO DOCENTE



ALEXANDRE NUNES



ANA PAULA DA SILVA



ISMAEL MACIEL



JULIO CÉSAR



MAURICIO DUARTE



KATIA FALCÃO



APRESENTAÇÃO:

A **Revista digital COMUNICAE** é o produto experimental da disciplina Técnicas de Reportagem, Planejamento e Apuração (2025.2), parte integrante da matriz curricular do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Salgado de Oliveira (Unidade Niterói/RJ).

A **COMUNICAE** é um espaço editorial integralmente construído pelos estudantes do 2º período. Estes futuros comunicólogos, que estão apenas iniciando o seu percurso profissional, exerceram sob minha supervisão, todas as etapas cruciais que compõem o processo jornalístico.

Isso inclui a concepção da pauta, pesquisa, apuração, checagem de fatos, redação, edição de texto e a diagramação final. Ao folhear as páginas da **COMUNICAE**, o leitor terá acesso a um conteúdo que é fruto de uma imersão prática nas rotinas da profissão.

Convidamos você leitor a desfrutar do conteúdo e a reconhecer a importância deste material. É essencial sublinhar que o objetivo primordial deste projeto não é a entrega de um produto final *perfeito*, mas sim a garantia de que cada estudante tenha tido um processo de aprendizagem satisfatório e completo.

A revista é a materialização do esforço, dos desafios e do crescimento de jovens profissionais que estão moldando o seu olhar crítico e suas habilidades técnicas. Ao ler a **COMUNICAE**, você não está apenas consumindo informação, mas incentivando o desenvolvimento de uma nova geração de jornalistas. O produto final é excelente, mas o caminho de aprendizado percorrido é, sem dúvida, o nosso maior valor.

Professora Ana Paula da Silva

Anderson Freire - Diretor Geral da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) - Niterói

Por Isabella Rodrigues, estudante de Jornalismo da Universidade Salgado de Oliveira, em Niterói / RJ.



Foto: Arquivo pessoal

Anderson de Azevedo Freire, 50 anos, é natural de São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Sua história com a Universidade Salgado de Oliveira (Universe) começou há bastante tempo, nos anos 90, quando chegou a estudar, mas sem concluir a graduação na época. Ele é formado em Administração de Empresas pela Universidade Cândido Mendes.

Além da formação, o diretor e professor possui pós-graduação em Marketing e Gestão Executiva. Antes de retornar à Universe, construiu sua carreira em grandes instituições, como o Itaú Unibanco.

Em 2013, iniciou sua trajetória profissional na Universe, onde hoje atua como diretor. Ele destaca que um de seus maiores desafios no cargo foi o período da pandemia de Covid-19.

Na ocasião, Anderson reforçou a gestão próxima aos estudantes, chegando a criar um sistema de agendamento por QR Code para conversar diretamente com os alunos. Fora da rotina de trabalho, Anderson Freire adora cozinhar e buscar momentos de relaxamento no mar ou em cachoeiras. Outra grande paixão são os carros antigos, e ele sonha em ter uma Kombi Corujinha.

Influenciado por nomes como Bernardinho e Jorge Paulo Lemann, ele defende o fortalecimento do ensino à distância (EAD) desde o ensino básico para que os estudantes se familiarizem e não estranhem quando tiverem acesso nas formações posteriores à escola.

O seu objetivo atual é aproximar ainda mais o ensino superior das necessidades e demandas reais do mercado de trabalho.



PING-PONG COM O DIRETOR ANDERSON FREIRE

Nome completo: Anderson de Azevedo Freire.

Idade: 50 anos.

Cidade de nascimento: São Gonçalo.

Formação acadêmica: Pós Graduado MBA em Gestão Executiva pela UFRJ/Coppead, Marketing pela FGV, Formação em Gestão para Aprendizagem pela Fundação Lemann. Graduação em Administração de Empresa pela Universidade Cândido Mendes.

Estado civil: Casado, e tenho três filhos e um enteado.

Um hobby: Cozinhar e carros antigos.

Uma influência profissional: O técnico de vôlei Bernardinho e o empresário Jorge Paulo Lemann.

O que te deixa feliz: Poder fazer o bem.

Qual foi a sua melhor viagem: Alto Caparaó, em Minas Gerais.

Livro preferido: A Bíblia e 48 Leis do Poder.

O que gosta de fazer para descansar e se distrair: Mar, cachoeira, ler e ficar em casa.

Trilha sonora: Pescador de Ilusões, do O Rappa.

Gênero de filme: Suspense investigativo.

Momento marcante da sua carreira: Participar de plenárias presididas pelo administrador e empresário Abílio Diniz.

Um conselho para quem está começando a faculdade: Aproveitem ao máximo a multidisciplinaridade da universidade. Poucas pessoas exploram essa pluralidade de áreas — das exatas às humanas, e à saúde. Participem de projetos de iniciação científica, extensão e outras atividades acadêmicas que permitam integrar diferentes saberes e construir uma formação realmente completa.

Do chão da periferia às carteiras da universidade: o poder dos cursinhos pré-vestibular populares

Entre mensalidades de até três mil reais e a falta de oportunidades, iniciativas sociais tentam garantir que o sonho da universidade não seja privilégio de poucos

Por Anna Luíza Basílio e Thayssa de Jesus, estudantes de jornalismo da Universidade Salgado de Oliveira - Niterói/RJ.



Foto: Instagram do Curso Pré-Vestibular Popular da UFF

No Brasil, a disputa por uma vaga no ensino superior revela desigualdades que começam muito antes do vestibular. Enquanto parte dos jovens pode pagar por cursos preparatórios caros e escolas bem estruturadas, milhões de estudantes de baixa renda enfrentam jornadas duplas, longos deslocamentos e escolas públicas sem recursos. Sem preparo adequado, muitos ficam para trás antes mesmo de concorrer, tornando o sonho universitário um privilégio.

Para a maioria, a trajetória escolar é interrompida por obstáculos que se acumulam desde a educação básica: infraestrutura precária, falta de professores e a necessidade de trabalhar cedo. Segundo o Censo da Educação Superior 2023, divulgado pelo INEP e MEC, mais de 4,9 milhões de estudantes

ingressaram no ensino superior, sendo que 88,6% precisaram recorrer a instituições privadas, uma realidade inviável para quem luta para sobreviver. Entre os 20% mais pobres, mais da metade sequer chega à universidade. O custo médio de um curso preparatório ultrapassa 400 reais mensais, distante da realidade de famílias que mal garantem o básico. A ausência de políticas públicas amplas mantém a educação como privilégio e reforça o ciclo de exclusão.

Os pré-vestibulares populares surgem para enfrentar essa desigualdade. Um exemplo é o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), criado no Complexo da Maré para oferecer formação gratuita a jovens da periferia. O projeto se baseia no trabalho coletivo, professores voluntários, gestão comunitária e enfoque crítico da realidade social, e inspirou iniciativas em várias regiões. Em Niterói, o Curso Pré-Vestibular Popular Doutor Luiz Gama, ligado à UFF, segue a mesma proposta, acolhendo estudantes com grandes lacunas em leitura, escrita e interpretação.

Realidades que se cruzam nas salas de aula

O curso Luiz Gama, idealizado por estudantes de Direito da UFF, tem aulas aos sábados, das 8h às 18h. A rotina exige esforço de quem trabalha durante a semana ou ainda cursa o ensino médio, como as ex-alunas Maria Luísa Alves e Amanda Guimarães.

Maria Luísa conciliava dez horas diárias de escola com os sábados no pré-vestibular. Mesmo com o ritmo intenso, defende a importância de manter equilíbrio: “Apesar dessa rotina, eu não abri mão dos meus momentos de descanso com amigos e familiares, então não enlouqueci”.

Para ela, estar em um ambiente com pessoas de histórias semelhantes fortaleceu sua autoconfiança. “Como mulher negra, vejo que estou construindo a minha jornada e me tornando a minha própria referência, não só na faculdade, mas também no trabalho, que ainda é majoritariamente branco”. Hoje, cursa Relações Públicas na UERJ e estagia em uma multinacional. Reconhece que a aprovação só foi possível graças ao apoio dos professores do curso.



Foto: Anna Luíza Basílio e Thayssa de Jesus.



Foto: Instagram do Curso Pré-Vestibular Popular da UFF.

Para ela, estar em um ambiente com pessoas de histórias semelhantes fortaleceu sua autoconfiança. “Como mulher negra, vejo que estou construindo a minha jornada e me tornando a minha própria referência, não só na faculdade, mas também no trabalho, que ainda é majoritariamente branco”. Hoje, cursa Relações Públicas na UERJ e estagia em uma multinacional. Reconhece que a aprovação só foi possível graças ao apoio dos professores do curso.

Amanda, hoje estudante de Psicologia na UFF, descreve o processo como um dos mais difíceis de sua vida. “Chorei muito. Perdi cabelo. Engordei. Fiquei doente”.

O que mais a marcou foi a abordagem social do projeto, que vai além do conteúdo tradicional do ensino médio. As discussões sobre desigualdade, política e cidadania ampliaram seu repertório crítico e ajudaram nas redações do ENEM. “Lá eu conheci o uso social da matemática, para além do produtivo”, afirma.

A paixão dos professores na educação popular

O professor de Humanidades do curso, Fábio Tavares, também estudante de Direito na UFF, diz que o Pré mudou sua vida. Relata que muitos alunos chegam com graves defasagens, alguns quase sem alfabetização, mas cheios de vontade de aprender. “A educação pública hoje destrói o aluno, fazendo com que ele se sinta um nada. No projeto, o objetivo é outro: construir o saber junto, a partir da realidade de cada um”.

O curso adota uma metodologia inspirada na pedagogia freireana, em que o professor aprende junto com o aluno. “A gente não só transmite o conhecimento, mas constrói a partir do que o aluno já sabe”, diz Fábio. Essa troca transforma o ensino em um ato solidário.

Entre as atividades, o “círculo de cultura” é destaque. Em uma das edições, uma professora abordou saúde mental durante o Setembro Amarelo e revelou que o projeto havia salvado sua vida após uma tentativa de suicídio. “Foi marcante, porque o trabalho não é só com os alunos, mas também com os professores. Muitas pessoas saíram chorando”, relembra.

Além de saúde mental e comunidade LGBTQIA +, o curso promove debates sobre Palestina, moradores em situação de rua e cultura do funk, sempre priorizando o diálogo. “A gente nunca exclui ninguém, mesmo quando surgem falas preconceituosas. Tentamos desconstruir junto, porque o aprendizado vem do diálogo”.

Outro braço do projeto é o Direito Popular, que oferece aulas sobre direitos trabalhistas e atua por meio da Clínica Jurídica Popular de França Garcia, coordenada por Fábio. “Pegamos casos reais de violações de direitos humanos, muitos vindos dos próprios alunos. Fazemos todo o acompanhamento, inclusive em audiência. A gente nunca abre mão do aluno”, conta.

Sobre o ensino público, ele é direto: “O novo ensino médio desmonta as bases do conhecimento, tornando disciplinas essenciais optativas. História, Geografia e Filosofia não são mais obrigatórias, e isso é um absurdo”. Para ele, sem uma educação crítica, o ensino técnico forma apenas mão de obra, não cidadãos capazes de transformar a realidade.

Mesmo diante das dificuldades, Fábio garante que a motivação vem da transformação que vê diariamente. “Não diria que é esperança, mas acreditar em um futuro melhor. O que me dá força é ver os alunos um pouco melhores a cada semana”. Para ele, ser professor voluntário é uma mistura de satisfação e luta. “É a melhor coisa que faço na vida. É uma luta diária, dentro e fora da sala de aula. Lutamos com os alunos todos os dias”.

No fim, é essa luta coletiva que mantém o sonho universitário vivo para tantos que sempre ouviram que não era possível. Iniciativas como essa fazem a diferença e garantem inclusão a quem mais precisa.

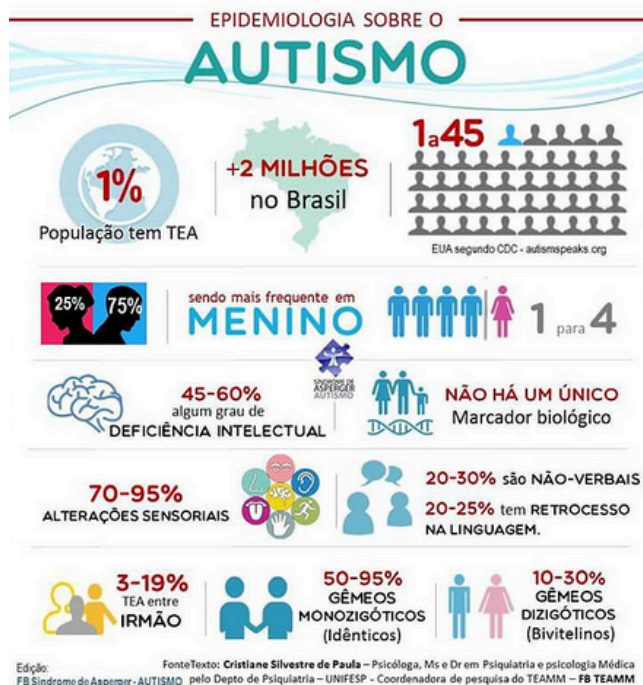
NÃO TEM TAMANHO, NEM IDADE: ACESSIBILIDADE AUTISTA NA SOCIEDADE

Dos sintomas ao diagnóstico: autistas relatam que descobriram o transtorno do neurodesenvolvimento já adultos

Por: Vinicius Souza e Maria Estefânia, estudante de jornalismo na Universidade Salgado de Oliveira - Niterói, RJ.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2016), uma em cada 160 crianças são autistas. No Brasil, não existem dados oficiais sobre esta informação. O aumento se deve pela maior conscientização e conhecimento da população em geral e profissionais da saúde. Nos últimos anos, muitos adultos têm se descoberto neuroatípicos.

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, interferindo na comunicação e no comportamento. Possui três níveis de suporte (1, 2 e 3) e, embora sendo de um mesmo nível, o caso pode ser diferente. O Transtorno do Espectro Autista (TEA), por sua vez, é a sua caracterização.



Segundo o enfermeiro Raphael Rodrigues do Complexo Hospitalar de Niterói (CHN) a sociedade deve apoiar a causa dos direitos das pessoas com TEA.

“Temos que fortalecer essa política com a divulgação dos acessos e direitos. Precisamos de mais pessoas formadas para lidar com as crianças. O mesmo com esses adultos, que descobriram tarde. É sobre formar profissionais, suprir demandas no desenvolvimento e na comunicação. É importante apoiar a neurodiversidade!”, relata

Além da profissão de enfermeiro, Raphael é Professor Universitário e Coordenador de Enfermagem do CHN, assumindo a Linha Materno-Infantil e Pediátrica. Ele destaca que a falta de conhecimento da sociedade sobre o assunto, a não socialização com as pessoas com TEA e a precariedade da entrada de autistas no mercado de trabalho são a face negativa. Por outro lado, em uma visão positiva, entende que esse acolhimento pode acontecer através de campanhas, o que seria uma emancipação de desenvolvimento.

O tema já foi documentado pelo canal Paradoxa, no Youtube, com o documentário “Stimados Autistas”, em Outubro de 2020. Seis pessoas autistas tiveram suas histórias contadas e a partir desses casos reunimos suas principais questões, como cuidados durante o processo e a luta pela inclusão na sociedade.



Arquivo pessoal/instagram: @enfraphael

Caso: Tio Faso dos brinquedos

Fábio tem uma página sobre a causa no Facebook.

Fábio Sousa (Tio Faso) é designer, tem 37 anos, é casado, tem um filho e mora em São Paulo. Ele fala sobre o diagnóstico, sendo diagnosticado aos 35 anos.

Revelou que os sinais foram apontados na gravidez. A mãe detalhou que não sofria movimentos na gestação. Fábio apresentou dificuldades quando criança, como para andar e falar, por exemplo. Reforçou que ouviu do médico ser uma “criança preguiçosa” durante o diagnóstico. Fábio criou a página “se eu falar não sai direito” no Facebook, com o objetivo de fortalecer a causa.



Foto: Reprodução documentário YouTube

Caso Pedro Jailson

Pedro Jailson é contador, tem 28 anos e descobriu o diagnóstico nesta idade, mas desconfiava quatro anos antes que este poderia ser o resultado.

Ele aconselhou outras pessoas autistas a realizar o diagnóstico, como um apoio. Ele detalhou que assistiu a série “Atypical” na Netflix e sentiu-se representado para tomar uma iniciativa. Quando criança sofreu comentários como: “criança doida, vá ao psiquiatra”.

Desde os 21 anos ele procurava por respostas, lendo sobre diversas religiões como espiritismo, budismo e o cristianismo. Pedro informou que já ouviu de um especialista em autismo que ele não poderia ser um autista, pois faz uma faculdade e tem uma boa comunicação. Esse fato o fez ligar o sinal de alerta para outros diagnósticos.

Assista o documentário: “Stimados Autistas no canal do YouTube clicando aqui.

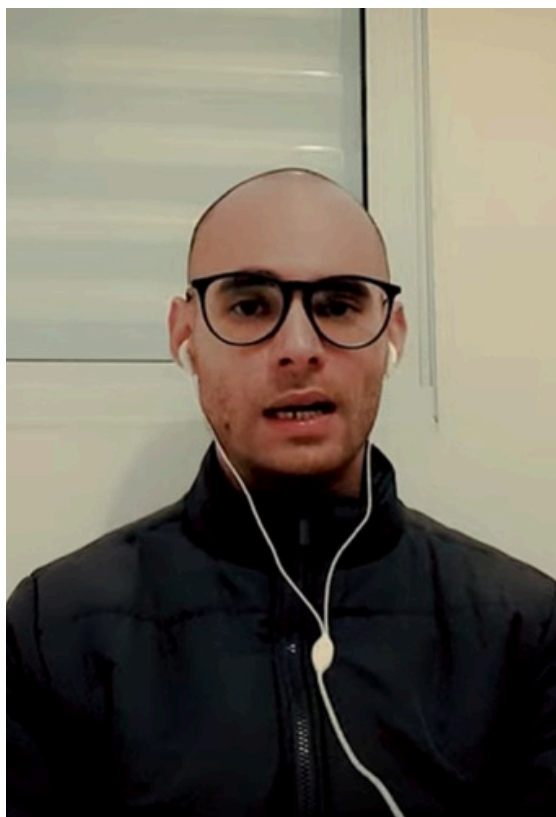


Foto: Reprodução documentário YouTube

Professores técnicos do Brasil: investimento em capacitação que transforma vidas e sociedade

O investimento na capacitação de professores tem se mostrado um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento da formação de pessoas

Por: Betina Vieira e Vitória Ferreira, estudantes de Jornalismo, Universidade Salgado de Oliveira, Niterói/RJ.

Em um cenário em que a inovação educacional se tornou indispensável, o investimento na formação de professores surge como uma das estratégias mais eficazes para transformar a sociedade. Atualizar métodos, aprimorar práticas pedagógicas e valorizar o papel do educador são ações que refletem não só na qualidade do ensino, mas também na construção de uma geração mais crítica e preparada para os desafios do mundo moderno.

Itaboraí (RJ) — O impacto do investimento na formação de professores vai muito além da sala de aula. É o que defende a professora Cristiane Pinto, que atua no Curso Normal do Colégio Estadual Visconde de Itaboraí desde 2011. Com mais de 30 anos de experiência na área educacional, ela destaca que o fortalecimento da capacitação docente é essencial para construir uma educação de qualidade e uma sociedade mais consciente e participativa.

“Trabalhar no curso normal me permitiu unir teoria e prática, valorizando tanto o conhecimento científico quanto às experiências humanas e afetivas que permeiam a sala de aula”, afirma. Para ela, formar professores é mais do que ensinar conteúdos, é contribuir para que futuros educadores compreendam a importância da profissão e o papel transformador que exercem.

A influência do Curso Normal também é reconhecida por quem trilhou o caminho da formação docente e hoje segue novas jornadas acadêmicas, como Marcos Felipe Lucindo, de 19 anos, ex-aluno do Colégio Estadual Visconde de Itaboraí. Atualmente estuda Psicologia na Universidade, e destaca que a base adquirida no curso foi determinante para a sua trajetória universitária.

Graças ao Curso Normal, aprendi a improvisar com o que tenho no dia a dia. Em um trabalho acadêmico recente, precisei lidar com imprevistos e, por causa dessa vivência prática do curso, consegui me adaptar e concluir tudo com sucesso”, relata.

Para Marcos, o curso vai além da preparação pedagógica — ele ensina autonomia, criatividade e resiliência, competências essenciais tanto para a sala de aula quanto para a vida profissional. Ele afirma que o Curso Normal também abre portas para novas oportunidades de emprego, permitindo que muitos jovens deem os primeiros passos na realização de seus sonhos.

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), divulgado no Censo Escolar 2024, apenas 22,6% dos diretores de escolas da educação básica no Brasil possuem formação continuada de no mínimo 80 horas em gestão escolar.

Especialistas apontam que investir na formação docente é investir diretamente no desenvolvimento do país — um compromisso que une escolas, gestores e sociedade na construção de uma educação pública mais justa, moderna e inclusiva.



Foto: arquivo pessoal da professora Cristiane Pinto.

UTILIZAÇÃO DA IA NA SAÚDE DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Novo método tem sido cada vez mais implementado na área da medicina

Por Gabriel Palmieri e Hugo Borges, estudantes de Jornalismo da Universidade Salgado de Oliveira, em Niterói/RJ.

O uso da inteligência artificial (IA) tem obtido um grande avanço na medicina nos últimos anos. Um amplo banco de dados para consulta e o cruzamento de dados clínicos de forma rápida têm auxiliado os médicos a prevenir doenças raras e auxiliar nos tratamentos dos pacientes.

Com a ajuda da IA, alguns padrões de exames são identificados pelo *software*, como radiografias, tomografias e ressonâncias magnéticas. Com isso, doenças raras podem ser descobertas ainda nos estágios iniciais. Dessa forma, o paciente pode ter um diagnóstico mais rápido e eficiente e, conseqüentemente, consegue tratar seu problema antes que se agrave. Além disso, o uso da IA também serve para auxiliar o melhor tipo de tratamento de forma individual. Ou seja, ela torna o cuidado com a saúde mais especializado e eficaz para cada paciente.

Atualmente, a inteligência artificial tem sido implementada em terapias, levando em consideração o histórico clínico e genético dos pacientes. Isso representa um avanço significativo na medicina personalizada e na ajuda na rede de apoio do bem estar mental de cada indivíduo.



Foto: Centro de Comunicação Social - UFMG

IA uma aliada da medicina? A visão é de cautela entre profissionais

A dermatologista Maitê Domingos, enxerga a IA como uma grande aliada na rotina médica, pela forma que o diagnóstico é entregue com mais precisão, desde que usada com equilíbrio e responsabilidade.

Apesar dos benefícios, o uso da inteligência artificial traz desafios. “A dependência tecnológica pode reduzir o raciocínio clínico do médico. Também há risco de falhas de interpretação, perda de privacidade e até o enfraquecimento da relação médico-paciente”.

Para a médica, a IA tem papel de apoio, e não de substituição. “A inteligência pode dar sugestões, mas quem interpreta, decide e cuida do paciente continua sendo o médico”.

O auxílio da tecnologia em casos complexos ou doenças raras é crucial para a forma de tratamento que é definida.

Pacientes também divergem sobre o uso da IA

Além dos profissionais de saúde, os pacientes também começam a aprovar os benefícios da inteligência artificial no acompanhamento médico. João Collet, que passou por um atendimento em que a tecnologia foi utilizada como suporte, relata uma experiência positiva e transformadora.

Segundo ele, a IA trouxe mais confiança ao processo de cuidado, ao permitir que os médicos tivessem acesso rápido e preciso às informações sobre sua saúde. João também destaca a sensação de segurança proporcionada pelo monitoramento constante durante o tratamento. Além de aumentar a confiança, a tecnologia também otimizou o tempo das consultas. "Os médicos já tinham acesso aos dados, e isso deixou as consultas mais objetivas e rápidas".

Para João, a experiência reforça a ideia de que a inteligência artificial pode ser uma aliada tanto dos profissionais quanto dos pacientes, contribuindo para um atendimento mais eficiente e humanizado.

Entre os pacientes, também há quem prefira manter distância desse tipo de tecnologia no cuidado com a saúde. **Pedro Teixeira** é um deles. Ele acredita que apesar de toda a 'inteligência', a IA ainda não tem a sensibilidade de um ser humano, que é necessária para lidar com casos clínicos complexos. Para ele, a IA tem um papel importante na medicina, mas em nenhuma área ou caso ela deve ser monitorada somente pela inteligência.

O futuro da saúde é a integração entre tecnologia e humanidade

O uso da IA ainda causa incerteza entre alguns médicos e pacientes, mas, em geral, a maioria se mostra otimista com as melhorias que a inteligência traz para a saúde.

Alinhar a medicina atual com a utilização da inteligência artificial é algo essencial no mundo.

A inteligência artificial não deve substituir o ser humano, mas potencializar suas capacidades e transformar a medicina em uma área mais humana, eficiente e precisa. É também preciso investir em conhecimento, uso ético da IA e discutir sobre o uso responsável dessa tecnologia na saúde, garantindo que todos os avanços cheguem de forma segura e imparcial à população.



Foto por: CT Tech



Foto por: Jornal Estadão

ENTRE O TIKTOK E O MELODRAMA: NOVELAS BUSCAM SE REINVENTAR SEM PERDER A PRÓPRIA ESSÊNCIA

O crítico Henrique Haddefinir analisa a adaptação das novelas à era digital e alerta para perda de identidade do gênero

Por Bruno Dames, estudante de Jornalismo da Universidade Salgado de Oliveira, Niterói/RJ



Foto: Divulgação, TV Globo (2023).

Na era dos streamings e vídeos curtos, as novelas brasileiras seguem tentando reafirmar seu espaço. Para o crítico de TV Henrique Haddefinir, do Omelete, o gênero passa por uma readequação profunda, nem sempre positiva: “As novelas têm tentado ser cúmplices das redes, mas honestamente, têm perdido parte de sua alma no processo”, afirma.

Ele explica que as tramas mudaram para dialogar com o mundo digital. “A [novela] das 18h é feita para atrair nostálgicos; a das 19h parece saída de um reels do Instagram; e a das 21h superficializou suas histórias, com ritmo urgente, como nos vídeos do TikTok.” O crítico acredita que o desafio está em equilibrar essa velocidade com o melodrama que sempre marcou o gênero.

Ao tratar de responsabilidade social, Haddefinir alerta que o assunto precisa ser conduzido com cuidado. “Nenhuma novela é obrigada a abordar pautas sociais, mas, se decidir fazer isso, precisa pesquisar e planejar. Glória Perez é o nome mais consistente dessa estratégia”, observa. “O público percebe quando está sendo forçado a acreditar ou torcer. O segredo é fazer os personagens conquistarem primeiro e só depois inserir as pautas.”

Sobre o impacto das plataformas digitais, ele defende que o erro está em tentar imitá-las. “É preciso inserir as novelas no streaming, e não a linguagem ‘streaming’ nas novelas.” Para reconquistar o público jovem, Haddefinir sugere formatos híbridos que remeta as temporadas de *Malhação* e mini-tramas criadas para redes sociais, capazes de servir como porta de entrada para a TV aberta.

O crítico aposta que o futuro das novelas será mais enxuto e centrado em boas histórias. “O sucesso de *Beleza Fatal*, da HBO, mostrou o potencial de tramas curtas. Mas a teledramaturgia só vai perdurar se priorizar bons textos. Vivemos uma crise terrível na escrita, em que a simplicidade tem sido confundida com pobreza. Os melhores textos seguram mais do que uma bela fotografia.

FILME ROBÔ SELVAGEM

Para quem já duvidou que uma animação sobre um robô e um ganso pudesse arrancar lágrimas, prepare-se, "O Robô Selvagem" é, em sua essência, a jornada universal de toda mãe.

Por Amanda Hammerschlag, estudante de Jornalismo da Universidade Salgado de Oliveira, em Niterói/RJ.



Fonte: The Movie Database

Robô Selvagem começa em uma praia, com ROZZUM 7134 sendo ligada acidentalmente por animais selvagens que moram na ilha. Ela se apresenta como um robô de atividades domésticas, pronta para receber uma ordem e executá-la com sucesso, levando-a a procurar pelo seu “cliente” pela ilha. Contudo, uma série de eventos inusitados, a fez cair de paraquedas em uma missão de cuidar de um pequeno ganso, algo que Rozz não queria pois isso não estava na sua programação.

A partir daí, o filme mostra claramente uma jornada sobrecarregada que Rozz não pediu e muito menos estava presente na programação dela, este é o primeiro “indício de humanidade” que observamos no robô: o sentimento de uma obrigação não desejada e o medo de não cumprir sua tarefa.

Paralelamente, outros animais da floresta, inclusive outros gansos, julgam Rozz e o Bico-Vivo, falam sobre a maneira que ele foi criado, como ele age e a sua fraqueza. Astuto, a raposa, é o principal personagem a dizer que o ganso não irá viver por muito tempo e que o robô deveria abandoná-lo, fazendo da cadeia alimentar uma analogia à realidade cruel de alguns bebês e mães despreparadas e sem rede de apoio.

O filme pega na ferida ao mesmo tempo que entrega um material de reflexão para a sociedade como um todo, explorando os desafios de cuidar e preparar para a fase adulta. Mesmo com humor, o filme aponta uma realidade não muito distante onde 55% das mães brasileiras são mães solas, e 90% dessas mulheres são pretas ou pardas segundo o IBGE.

Em uma sociedade onde esses dados são tão reais, O Robô Selvagem é como lembrar que, para a maioria, a “ilha deserta” é a própria casa, sem ninguém para dividir o peso.

HISTÓRIAS PARA DESFILAR: MODA, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NA PASSARELA DO “TRANÇAR E ESPERANÇAR”

Em entrevista, produtora do desfile fala sobre desafios, inclusão, ancestralidade e o impacto de um festival que conecta moda, identidade e comunidade.

POR BRENNO SOUZA E ISABELA LIMA, ESTUDANTES DE JORNALISMO, UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA, EM NITERÓI/RJ.

A cidade de São Gonçalo respirou cultura, memória e autoestima durante o Festival “Trançar é Esperançar” em julho de 2025. O desfile de moda que encerrou o evento foi mais do que uma apresentação estética, foi um ato político. No palco, não havia apenas roupas: havia histórias, corpos reais, heranças africanas e o grito coletivo de quem, por muito tempo, foi silenciado pelas passarelas tradicionais.

O festival, realizado no coração da cidade, resgatou a importância das tranças como símbolo de identidade, e também abriu espaço para discutir protagonismo feminino, economia criativa e pertencimento. O desfile, ponto alto da programação, reuniu estilistas locais, artesãos e empreendedores da região de São Gonçalo, todos com um objetivo comum: mostrar que moda não é apenas tendência, é território.



foto: Divulgação

Modelos de diferentes idades, tons de pele, tipos de corpo e trajetórias de vida tomaram conta da passarela. Nada de padrões inalcançáveis. A beleza era autêntica, plural, viva. As peças valorizam tecidos afro-brasileiros, estampas que dialogavam com a ancestralidade e acessórios feitos à mão, carregados de significado.

Cada look parecia contar uma história, e o público entendeu a mensagem: representatividade importa. Mais do que exibir coleções, o desfile mostrou a potência da moda periférica, uma moda que nasce das ruas, das memórias familiares, das mãos de mulheres que costuram sonhos entre uma batalha e outra. Uma moda que gera renda, autoestima e, sobretudo, visibilidade.

Com mais de 20 anos de experiência na moda e atuando hoje como consultora de imagem e produtora, Aline Silva é uma das mentes criativas por trás do festival.



Foto: Arquivo pessoal Aline Silva

“Conheci a Letícia, que é diretora do evento, antes mesmo do festival existir”, afirma ao lembrar o início da parceria. E acrescenta: “Ela [Letícia] já conhecia meu trabalho e me fez o convite de coração, dizendo: ‘Quero que você seja produtora. Vamos montar isso juntas’. Foi muito emocionante e gratificante.”

Com mais de 20 anos de experiência na moda e atuando hoje como consultora de imagem e produtora, Aline Silva é uma das mentes criativas por trás do festival. “Conheci a Letícia, que é diretora do evento, antes mesmo do festival existir”, afirma ao lembrar o início da parceria. E acrescenta: “Ela [Letícia] já conhecia meu trabalho e me fez o convite de coração, dizendo: ‘Quero que você seja produtora. Vamos montar isso juntas’. Foi muito emocionante e gratificante.”

Segundo Aline, o maior desafio foi transmitir a mensagem do desfile ao público. “Não criamos peças novas, reaproveitamos roupas do projeto Mulheres do Salgueiro. A preocupação era, será que o público vai entender a proposta? Mas tudo se encaixou, porque fazemos com amor.” O processo de escolha das pessoas que participam da passarela também segue um olhar cuidadoso. “Tudo começa pelo tema, este ano foi sustentabilidade. Depois, selecionamos com base na diversidade e na vontade de participar. Conversamos com cada uma, montamos os looks e pensamos em como aquela peça representa algo maior na passarela.” Segundo ela, a iniciativa vai além do palco. “O festival não é só o desfile. Tem oficinas, palestras, workshops e uma programação intensa durante três dias. Ele [o Festival] leva cultura, conhecimento e oportunidades, fortalecendo os laços com a cidade e valorizando o que é local.”

Mesmo sem apoio político ou institucional, o evento conquistou alcance e reconhecimento.

“Tudo foi feito por nós, com recursos próprios e muita parceria com a ONG Mulheres na Parada. A divulgação foi toda pelas redes sociais e funcionou! O alcance veio pelo nosso esforço coletivo.”

Questionada sobre a principal mensagem do festival, Aline foi direta: **“Que nós podemos! A mulher preta pode, a mãe solo pode.** É sobre autoestima, identidade e superação. Queremos mostrar que temos o direito de ocupar qualquer espaço, com nosso cabelo, nossa roupa, nossa história.” Num país onde a indústria fashion ainda exclui grande parte da população negra das tomadas de decisão, ver estilistas gonçalenses ocupando esse espaço foi inspirador.

Eles provaram que criatividade não tem CEP e que a periferia também dita tendências.

O nome do festival não é à toa: trançar é entrelaçar histórias, culturas, resistências. Esperançar é agir para transformar realidades. O desfile fez exatamente isso, costurou passado, presente e futuro e nos lembrou que, quando a moda abraça a identidade, ela deixa de ser vaidade e se torna revolução.

O Festival Trançar é Esperançar é mais do que um desfile: é uma manifestação de resistência, cultura e pertencimento. Para Aline Silva, moda não é apenas estética, mas uma forma de contar histórias e afirmar identidades. O impacto do evento vai além da passarela, transforma realidades. “São Gonçalo saiu desse evento não apenas mais elegante, mas mais consciente da sua potência”.

“E que venham as próximas edições, porque essa



Foto: Arquivo pessoal Aline Silva

A FORÇA DA JUVENTUDE: O IMPACTO DO PAN-AMERICANO JÚNIOR NO ESPORTE

O Pan-Americano Júnior é a primeira oportunidade para os jovens atletas do continente mostrarem o seu talento e se lançarem no cenário esportivo mundial.

Por Maria Fernanda e Alessandra, estudantes de Jornalismo da Universidade Salgado de Oliveira, em Niterói/RJ



Fonte: Reprodução Instagram Time Brasil.

Se você não é um grande entusiasta dos esportes, talvez nunca tenha ouvido falar dos “Jogos Pan-Americanos” e muito menos de sua versão voltada para os atletas mais jovens.

A competição multiesportiva surgiu em 2021, na cidade de Cali, na Colômbia, e teve como objetivo revelar e incentivar a nova geração esportiva do continente americano. Isso significa que jovens com idade entre 12 e 23 anos, de 41 países do continente, puderam participar.

Desde então, o Pan acontece a cada quatro anos – em diferentes cidades – e tem como função desenvolver esses atletas, seja no preparo psicológico, na transição entre as categorias júnior e sênior, gerando visibilidade para novos talentos ou garantindo vaga direta para a versão adulta da competição. São mais de duzentas vagas imediatas, que impactam diretamente o cenário esportivo americano.

Inicialmente, a competição contava com 36 modalidades, no entanto, com o intuito de alinhar o cronograma com os Jogos Olímpicos de 2028, em Los Angeles, cinco novas modalidades foram incluídas (beisebol/softbol, críquete, flag football, lacrosse e squash).

Toda essa estrutura serve como um trampolim, impulsionando os jovens para os lugares mais altos, e quem sabe o topo do pódio.

Do Pan-Júnior para o mundo

Como prova de que este torneio é o berço de grandes nomes do esporte, temos a jogadora de vôlei Diana Duarte, campeã nos Jogos Pan-Americanos Júnior de Cali 2021. Diana já marcou seu nome na história do esporte nacional ao conquistar o bronze nas Olimpíadas de Paris 2024, com apenas 25 anos. Além disso, tem uma medalha de prata na Liga das Nações e um bronze no Campeonato Mundial, ambos conquistados em 2025.

Outro grande nome brasileiro é o nadador Guilherme Caribé, de apenas 22 anos. O jovem coleciona medalhas, dentre elas 4 ouros conquistados no Pan de Assunção (2025) e duas pratas em campeonatos mundiais de piscina curta [50 metros], ficando em quarto lugar no Campeonato Mundial de Esportes Aquáticos de 2025 na piscina de 100 metros.

O tênis de mesa, outra modalidade não tão popular no Brasil — no modo competitivo, é mais conhecido como jogo de entretenimento e passatempo — no entanto, vem ganhando força e nomes importantes estão surgindo. Giulia Takahashi é irmã mais nova da mesa-tenista Bruna Takahashi e vem evoluindo bastante na modalidade. Aos 15 anos já treinava com a seleção olímpica adulta e no Pan-Júnior de Cali (2021) conquistou duas medalhas de ouro (duplas e mistas) e uma prata na disputa individual. Dona de uma prata e um bronze no Pan-Americano de 2023, a atleta chegou às Olimpíadas de Paris (2024), mas acabou sendo eliminada na primeira fase pela então campeã mundial Sun Yingsha.

Os protagonistas da vez

Não tem como falar sobre o Pan-Americano sem dar voz às grandes estrelas. Nomes que carregam desde cedo o peso e a glória de representar seu país diante do mundo.



Reprodução do Instagram equipe de judô Sogipa RS

O judoca brasileiro Lucas Takaki, medalhista de bronze na edição de Assunção (2025) conta sobre perseverança para alcançar seus objetivos; "Vai ser um caminho bem difícil, mas vamos continuar o trabalho, seguir treinando e confiando no processo, até alcançar a minha sonhada vaga olímpica", afirma.



Reprodução do Instagram da Federação de levantamento de peso do RJ

Christian Izaías, outro medalhista de bronze do Brasil no Pan 2025, atleta do levantamento de peso, relata seus aprendizados, como disciplina e foco para encarar os obstáculos para alcançar o resultado. Segundo ele, a pressão é transformada em adrenalina e vontade de vencer.

“Eu enxergo meu caminho como longo e desafiador, cheio de treinos e preparação. Sei que não é algo que acontece de um dia pro outro, mas sim uma jornada que exige dedicação, paciência e foco”.

No meio de tantos nomes de peso e história, Lucas e Christian não precisaram ir muito longe para encontrar suas inspirações. Os dois jovens têm seus irmãos (Matheus Takaki e Gabriel Izaías) como referência, enxergam neles a motivação para evoluir e melhorar suas marcas.

Sobre pressão e expectativa, Lucas diz que sabe como lidar: tento sempre colocar ela [a pressão/expectativa] pro lado que me impulse e me deixe ligado durante a competição, afirma.

Ambos complementam que devido a idade, e principalmente, por ser o primeiro degrau da jornada de atleta até os lugares mais altos do pódio, tem que ter o controle psicológico, no entanto, não é uma tarefa fácil. "Sou uma pessoa muito tranquila e calma, então não sinto tanta pressão. O que eu sinto é adrenalina, e transformo isso em motivação para competir ainda melhor", declara Christian.

Por trás de todo suor e conquistas existem profissionais extremamente preparados e prontos para tornar o sonho desses meninos realidade.

Nos bastidores

De acordo com Pedro Falci, preparador físico da seleção base de basquete do Brasil, a principal diferença no treinamento de atletas juvenis e sêniores reside no nível de preparo e conhecimento corporal.

Para os adultos, o trabalho foca em lapidar habilidades já existentes. Já com os juvenis, o preparador deve ensinar e direcionar a formação física, técnica e comportamental.

O trabalho do preparador físico com jovens atletas ultrapassa o desenvolvimento corporal. Conforme observado por Falci, oscilações na esfera mental são recorrentes nesta etapa da vida. Os atletas juvenis se encontram na fase crucial de desenvolver a habilidade de tomada de decisões e de saber lidar com a pressão do esporte de alto rendimento. Diante desse contexto, o preparador assume um papel ampliado. Sua atuação vai além da performance física, desempenho e redução de lesões, mas concentrando-se também na formação integral do ser humano.

Já o campeão mundial de Jiu-jitsu e professor de Judô, Marcos Venicyus, destaca que tanto o Judô como o Jiu-jitsu são fundamentais na formação do caráter do ser humano, embutindo disciplina, respeito e interação.

Venicyus, como é popularmente chamado por seus alunos, é professor há mais de quinze anos. Realiza aulas de Judô para crianças e adultos em São Gonçalo e Niterói, e afirma que sua motivação é ver seus atletas alcançarem o nível técnico e competitivo do esporte.

O Pan Júnior vai muito além das medalhas, é o pontapé inicial na trajetória de jovens atletas e a representação da força, do talento e da garra do esporte latino-americano. O talento pode vir de berço, mas é a luta e a preparação diária que garantem a evolução e as conquistas de cada um. Em meio a uma rotina exaustiva, entre suor, lágrimas, superação e vitórias, esses talentos vão sendo moldados e, em breve, serão os protagonistas do esporte mundial. O desejo de ir além e superar marcas é o que move esse universo, e no meio esportivo não seria diferente. Essa é a chama que mantém o esporte vivo.

Leia as entrevistas na íntegra:



CRÉDITOS

Direção Editorial

Ana Paula da Silva

Editor-Chefe

Brenno Souza e Isabela Lima

Revisão e Copidesque

Ana Paula da Silva

Design Gráfico e Diagramação

Brenno Souza

Fotografia

Arquivos Pessoais; Redes Sociais;

Redação e Reportagens

Isabella Rodrigues

Thayssa Jesus e Anna Luiza Basilio

Maria Estefânia Chagas e Vinicius Souza

Betina Vieira e Vitória Ferreira

Gabriel Palmieri e Hugo Borges

Bruno Dames

Amanda Hammerschlag

Brenno Souza e Isabela Lima

Alessandra Dutra e Maria Fernanda Sirqueira

Produção Digital / Web

Brenno Souza e Isabela Lima

Capa

Inspiração Foto de Jorg Greuel

Design

Brenno Souza

Conselho Editorial

Ana Paula da Silva

Revisão e correção

Vitoria Ferreira

Contato

Site: Comunicauniverso

Instagram: @comunicauniverso

Youtube: Comunica Universo

Spotify: Comunica UNIVERSO

Direitos Autorais

© 2025 Revista Comunicaê. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem autorização prévia.

Agradecimientos

A todos os leitores e aos estudantes do 2º Período de Jornalismo

